

## BALZAC HISTORIADOR DA VIDA PRIVADA:

### *Mémoires de deux jeunes mariées*

MARIA TERESA PRAÇA  
(Univ. do Porto)

145

Propomo-nos reflectir sobre a questão em dois momentos: num primeiro, iremos apontar a forma como uma reflexão sobre a História se inscreve no discurso prefacial balzaquiano; seguidamente, assinalaremos algumas modalidades da articulação entre História e ficção no romance epistolar *Mémoires de deux jeunes mariées*.

#### A obra e a História

Balzac lança-se como romancista num momento em que o estudo da História goza de grande prestígio e o romance de Walter Scott constitui o modelo mais legitimado do género romanesco; é em relação a essas duas práticas que tenta afirmar-se. Após o insucesso das carreiras de Lord R'hoone e de Horace de Saint-Aubin – os dois pseudónimos com que sucessivamente se estreara nas lides literárias –, começa a acalentar o projecto de uma *Histoire de France pittoresque* inspirada no modelo scottiano<sup>1</sup>, projecto de que restaram o romance inacabado *L'Excommunié* e o «Avertissement» destinado a um outro, cujo título seria *Le Gars*. Nesse texto, datado de 1828 e que permaneceu inédito durante a vida do autor, já se encontram as grandes linhas da reflexão balzaquiana acerca das relações entre o romance e a História:

«Un homme qui travaille consciemment à mettre l'histoire de son pays entre les mains de tout le monde, (...) qui tente de présenter à ces imaginations lassées du mauvais, des tableaux de genre où l'histoire nationale soit peinte dans ses faits ignorés de nos mœurs et de nos usages, (...) qui tâche de configurer les rois par les peuples, les peuples par certaines figures plus fortement empreintes de leur esprit; de dessiner les immenses détails de la vie des siècles, (...) de ne plus faire enfin, de l'histoire un charnier, une gazette, un état civil de la nation, un squelette chronologique, cet homme-là doit marcher longtemps sans s'embarasser des crailleries, jusqu'à ce qu'il ait été compris.» (Balzac: V, p. 763).

<sup>1</sup> Projecto que, na segunda parte de *Illusions perdues*, Daniel d'Arthez irá sugerir a Lucien de Rubempré: «Chaque règne authentique, à partir de Charlemagne, demandera tout au moins un ouvrage, et quelquefois quatre ou cinq (...). Vous ferez ainsi une histoire de France pittoresque où vous peindrez les costumes, les meubles, les maisons, les intérieurs, la vie privée, tout en donnant l'esprit du temps, au lieu de narrer péniblement des faits connus.» (III, p. 458). Todas as citações de textos de Balzac – romances e prefaciais – se reportam à edição de *La Comédie Humaine* referenciada no final.

Constituindo *Le Gars* a primeira versão do romance que, após várias metamorfoses, virá a chamar-se *Les Chouans*, na Introdução da primeira edição deste, publicada em 1829, Balzac irá retomar a mesma imagem – «L'auteur n'a pas prétendu (...) donner les faits un a un, sèchement et de manière à montrer jusqu'à quel point on peut faire arriver l'histoire à la condition d'un squelette dont les os sont soigneusement numérotés» (Balzac: V, p. 764) –, ao mesmo tempo que afirma ter escolhido «le sujet de son ouvrage dans la partie la plus grave et aujourd'hui la plus délicate de l'histoire contemporaine» (Balzac: V, p. 763). Seis anos mais tarde, na «Introduction» aos *Études Philosophiques*<sup>2</sup>, poder-se-á ler, por um lado, que «Le roman, pour arriver à une place honorable dans la littérature, doit être (...) l'histoire des mœurs, dont ne se soucient guère les historiens en toges qui se croient grands pour avoir enregistré des faits.», por outro, que «Ce romancier entreprend pour la société actuelle ce que Walter Scott a fait pour le moyen âge.» (Balzac: I, p. 702).

É este, consequentemente, o termo do percurso: tendo partido do exemplo scottiano do romance histórico, um novo projecto se desenha agora, a “histoire des mœurs” da “société actuelle”. No entanto, a escolha desse novo objecto, a sociedade **actual**, vai trazer novos problemas, que Balzac sintetizará em 1839, no prefácio de *Une Fille d'Ève*:

«Chez nous, autrefois, le roman rencontrait aussi des éléments fort simples et peu nombreux. Le seul roman possible dans le passé, Walter Scott l'a épuisé. (...) Autrefois, tout était simplifié par les institutions monarchiques; les caractères étaient tranchés: un bourgeois, marchand ou artisan, un noble entièrement libre, un paysan esclave, voilà l'ancienne société de l'Europe (...) Aujourd'hui, l'Égalité produit en France des nuances infinies. Jadis, la caste donnait à chacun une physionomie qui dominait l'individu; aujourd'hui, l'individu ne tire sa physionomie que de lui-même.» (Balzac: I, p. 601).

A execução do projecto exigirá, assim, capacidades à altura do desafio que enfrenta o historiador do presente: para «faire ressortir les imperceptibles différences de nos habitations et de nos intérieurs, auxquels la mode, l'égalité des fortunes, le ton de l'époque tendent à donner la même physionomie», «(...) M. de Balzac doit procéder par intuition, cet attribut le plus rare de l'esprit humain.» (Balzac: I, p. 594), essa capacidade «de deviner la vérité dans toutes les situations possibles» a que, no prefácio de *La Peau de Chagrin* (Balzac: VI, p. 708), Balzac dá o nome de “seconde vue”, fenómeno moral que se passa nos poetas ou nos escritores “réellement philosophes”, e que é absolutamente distinta da “observation” e da “expression”, as duas partes constitutivas da “arte literária”. Só essa capacidade, que ele define como a de «invent[e]r le vrai, par analogie», lhe permite representar com exactidão a imensa complexidade da “histoire des mœurs” e conferir-lhe sentido. Do relato dos acontecimentos não resulta mais do que uma seca cronologia: o historiador limita-se a «mettre en ordre les faits à peu près les mêmes chez toutes les nations» (Balzac: I, p. 52) e a verdade factual funciona como uma simples citação. Para criar a obra verdadeiramente forte, que produza o efeito de representação, de reconhecimento, a obra de que se possa afirmar que nela “*All is true*”<sup>3</sup>, a obra que arrebate a adesão incondicional do leitor, é indispen-

<sup>2</sup> Assinada, em 1835, por Félix Davin, jovem romancista que viria a morrer no ano seguinte. As duas longas Introduções que escreveu para os *Études de Mœurs* e os *Études Philosophiques* foram redigidas em estreita colaboração com o autor, que corrigiu e aumentou consideravelmente as primeiras versões, e são consideradas pela crítica como parte integrante do paratexto balzaquiano.

<sup>3</sup> «Ah! sachez-le: ce drame n'est ni une fiction, ni un roman. *All is true*, il est si véritable, que chacun peut en reconnaître les éléments chez soi, dans son cœur peut-être.» (*Le père Goriot*, II, p. 217).

sável que a verdade dos detalhes venha dar espessura e significado aos factos, significado que, quando isolados, eles não possuem. Daí que a História não possa cumprir plenamente o seu papel de discurso legitimador do romance, questão verdadeiramente crucial que atravessa todos os prefácios: se, sempre que possível, o autor evita a designação de “romancista”, preferindo-lhe a de escritor, poeta ou até a de... historiador, como no Prefácio de *Une fille d'Ève* – «L'auteur ici ne juge pas (...). Il est historien, voilà tout.» (Balzac: I, p. 601) –, são bem evidentes e numerosas as reservas que, por outro lado, faz à História. Por essa razão, ela vai ser substituída, nessa função legitimadora, pela Ciência, cujos métodos de investigação poderão fundamentar essa articulação entre detalhes e totalidade de que depende o significado da obra e que a elevará acima do simples registo historiográfico. Uma vez mais, recorremos à Introdução aos *Études de Mœurs* assinada por Félix Davin:

«Il ne suffit pas d'être un homme, il faut être un système (...). Quoique grand, le barde écossais n'a fait qu'exposer un certain nombre de pierres habilement sculptées, où se voient d'admirables figures, (...) mais où est le monument? s'il se rencontre chez lui les séduisants effets d'une merveilleuse analyse, il y manque une synthèse. (...) il s'agit donc d'être (...) Walter Scott plus un architecte.» (Balzac: I, p. 593).

A estrutura sobrepõe-se à temporalidade, o sistema sobrepõe-se à História, conferindo-lhe significado, tornando-a inteligível. Daí que, para Balzac, o “maior poeta do século” seja... um cientista:

«Vous êtes-vous jamais lancé dans l'immensité de l'espace et du temps, en lisant les œuvres géologiques de Cuvier? Emporté par son génie, avez-vous plané sur l'abîme sans bornes du passé, comme soutenu par la main d'un enchanteur? (...) Cuvier n'est-il pas le plus grand poète de notre siècle? (...) notre immortel naturaliste a reconstruit des mondes avec des os blanchis, a rebâti (...) des cités avec des dents, a repeuplé mille forêts de tous les mystères de la zoologie avec quelques fragments de houille, a retrouvé des populations de géants dans le pied d'un mammouth. Ces figures se dressent, grandissent et meublent des régions en harmonie avec leurs statures colossales. (...) il fouille une parcelle de gypse, y aperçoit une empreinte et vous crie: Voyez! Soudain les marbres s'animalisent, la mort se vivifie, le monde se déroule!» (Balzac: I, p. 437)<sup>4</sup>.

Será<sup>5</sup>, pois, a Ciência que virá fornecer essa dimensão de sistema, que para Balzac constitui a própria essência da criação e que, além da do monumento, já referida, se afirma em outras metáforas, como a da catedral<sup>6</sup> ou a do mosaico:

«Il n'y a rien qui soit d'un seul bloc dans ce monde, tout y est mosaïque. Vous ne pouvez raconter chronologiquement que l'histoire du temps passé, système inapplicable à un présent qui marche.» (Balzac: I, p. 602).

<sup>4</sup> Em *La Peau de Chagrin*.

<sup>5</sup> Embora no «Avant-Propos» de 1842 (Balzac: I, pp. 51-56) os dois modelos sejam apresentados pela ordem inversa.

<sup>6</sup> «Donc, lorsque cet architecte aura fini d'agiter sa baguette magique, des lueurs divines éclaireront sa cathédrale (...)» (Introduction aux *Études Philosophiques*, VI, p. 705).

## A História na obra

Publicado primeiro em folhetim, pelo jornal diário *La Presse*, entre Novembro de 1841 e Janeiro de 1842, e depois em volume, pela casa editora de Hippolyte Souverain<sup>7</sup>, o romance *Mémoires de deux jeunes mariées* encontrou, nesse mesmo ano de 1842, o seu lugar definitivo no tomo II da primeira edição global de *La Comédie Humaine*, mais precisamente, no segundo volume da secção *Scènes de la vie privée* dos *Études de Mœurs*.

*Mémoires de deux jeunes mariées* é um romance epistolar, caso isolado em *La Comédie Humaine*<sup>8</sup>: ao fim de uma estadia de oito anos, Louise de Chaulieu e Renée de Maucombe saem do convento das Carmelitas de Blois, onde ambas estavam destinadas a professor, para se reunirem às respectivas famílias, a primeira no “hôtel particulier” de seu pai, o duque de Chaulieu, em Paris, perto dos Invalides, e a segunda no “vieux castel” do conde de Maucombe, na Provença. Durante os doze anos subsequentes, até à morte de Louise, as duas amigas íntimas trocarão uma correspondência de regularidade variável, em que serão relatados a existência, pensamentos e sentimentos de ambas. Através deste diálogo epistolar, e no dizer de Jean Rousset, Balzac vai, «avec (...) force et netteté»

«lier en les opposant deux natures contrastées, deux vocations, deux types de passion, “deux mondes”, ainsi que le dit une lettre de Louise: “(...) Ton mariage purement social, et mon mariage qui n’est qu’un amour heureux, sont deux mondes qui ne peuvent pas plus se comprendre que le fini ne peut comprendre l’infini. Tu restes sur la terre, je suis dans le ciel! Tu es dans la sphère humaine, je suis dans la sphère divine. Je règne par l’amour, tu règnes par le calcul et par le devoir.”» (Rousset: 1963, pp. 101-102)<sup>9</sup>.

Como constatamos, ao contraste de natureza psicológica que o crítico põe em relevo, a própria personagem acrescenta outro, o de duas opções de vida opostas: o casamento de amor e o casamento de conveniência. Na verdade, o casamento, instituição fundamental, “s’il en est”, da sociedade do século XIX, constitui o núcleo dramático por excelência da maioria dos romances que integram as *Scènes de la vie privée*. No entanto, na abordagem que aqui fazemos do texto, propomo-nos dar à expressão “deux mondes” um sentido mais lato, que no passo citado (ainda) não tem na pena de Louise<sup>10</sup>, mas que, como vimos, é bem caracteristicamente balzaquiano: entendê-la-emos como dois mundos sociais e suas mutações históricas. Com efeito, embora ambas sejam de nascimento nobre – ou dificilmente se teriam relacionado no mesmo convento, cuja superiora era, aliás, tia de Louise –, esta é descendente de uma das mais ilustres famílias do reino, enquanto que a família de Renée, embora antiga e conceituada<sup>11</sup>, faz parte de uma nobreza de província mais ou menos desdourada<sup>12</sup>; quanto à história, ela passa-se entre 1823 e 1835.

<sup>7</sup> Com uma dedicatória a George Sand.

<sup>8</sup> Embora o romance epistolar tenha sido a primeira forma tentada pelo jovem Balzac, como o atesta o romance inacabado *Sténie*, de 1821.

<sup>9</sup> O passo citado por Jean Rousset pertence à carta XXVII, p. 143.

<sup>10</sup> Mas que virá a ter na carta XLVIII, a primeira da segunda parte, adiante referida, em que Louise, embora em tom jocoso, se refere à segurança que lhe dá, «si la France fait banqueroute», poder contar com a influência do marido de Renée.

<sup>11</sup> Em 1827, Renée não põe em dúvida a possibilidade de seu pai obter o título de marquês, mesmo não sendo movidas quaisquer influências na corte: «Surtout, ne te mêle pas des affaires de mon très honoré père, le comte de Maucombe, qui veut obtenir le titre de marquis; réserve tes faveurs pour moi. (...) notre famille était déjà célèbre sous le roi René, le roi Charles X ne refusera pas un Maucombe.» (Carta XL, p. 154).

<sup>12</sup> Bem sintomática é a facilidade com que o conde de Maucombe aceita, por razões estritamente económicas, a aliança da sua filha com o filho de um “petit gentilhomme de Provence” cujos hábitos e

É esta questão dos limites temporais da diegese que nos leva a fazer uma primeira observação no que respeita às relações da ficção e da História, mais especificamente à inscrição das **datas** no romance: se a menção do mês é habitual no cabeçalho das cartas, por vezes antecedida da de lugar (como, por exemplo na carta I: “Paris, septembre”)<sup>13</sup>, a do ano é muito menos frequente; acompanhada ou não da do mês, a maioria das vezes é motivada pelo retomar da correspondência após uma interrupção mais ou menos longa<sup>14</sup>; quanto à inscrição de uma data completa, existe um único exemplo (“15 octobre 1833”), no cabeçalho da carta XLVIII, de Louise a Renée, que abre a segunda parte do romance. Este facto merece-nos dois comentários: em primeiro lugar, a solenidade que lhe é conferida pelo seu estatuto de excepção parece-nos estar directamente relacionada com o carácter “testamentário” da carta em causa – carácter esse explicitamente assinalado por Louise: «il y a, Renée, un peu de testament dans cette lettre» (p. 161); em segundo lugar, e dado que na última carta da primeira parte, de Renée a Louise, figurava o ano de 1829, aquela data surge após um espaço/tempo que se encontra obliterado no plano da ficção, mas que, pelo contrário, é pleno de sentido no da História, dado que nele se inclui o ano de 1830 e a respectiva revolução... Estas constatações parecem-nos legitimar a interpretação seguinte: as datas explicitamente inscritas no texto são significativas exclusivamente no plano privado, da vida da personagem, enquanto que a data de um acontecimento histórico é omitida; ou seja, a História só tem importância ao nível da “longue durée”, o que importa não é a “seca cronologia” dos eventos, mas os efeitos que estes têm no plano da vida quotidiana, dos hábitos, da moda, das relações sociais... numa palavra, no plano dos “mœurs”<sup>15</sup>.

O que nos leva a uma segunda observação, que respeita à “**socialidade**”<sup>16</sup> do texto e que, no tempo previsto para esta comunicação, não poderá ser senão muito sucinta. Na primeira parte do romance, as duas personagens partem de situações iniciais muito similares<sup>17</sup>: saídas do mesmo convento, ambas vão regressar a famílias compostas pelos pais e por dois irmãos homens, para encarar a mesma realidade<sup>18</sup>, a difícil tarefa de encontrar, sem dote, um casamento condigno. A partir daí, no entanto, os destinos de Louise e Renée irão seguir rumos divergentes: a Renée é proposto (ou mais exactamente, insinuado – «J’ai fini par deviner que le retour inespéré de ce fils était la cause du mien» – carta V, p. 112) um casamento de razão com um vizinho, antigo membro da “garde d’honneur” do Imperador, prematuramente envelhecido pelo cativo na Rússia, cujo pai amealhara uma considerável fortuna, e que reconhecerá no contrato à “belle Renée de Maucombe” o dote que não irá receber<sup>19</sup>; quanto a Louise, que dispõe de uma fortuna pessoal legada pela sua avó, a princesa de

---

enquadramento de vida são descritos com uma clara sobranceria por Renée, na carta V, e que, na opinião de Louise, parecia o “intendant” da nora e do filho (carta XXXV, p. 151). Em situação idêntica, o duque de Chaulieu mostra-se muito mais difícil de contentar, declarando-se mesmo, «sous ce rapport, du onzième siècle» (Carta XII, p.121).

<sup>13</sup> Dando, por vezes, lugar à simples indicação do dia da semana quando a redacção da mesma carta se alonga por vários dias (“Lundi”, “samedi”, na Carta VII, por exemplo).

<sup>14</sup> Por exemplo, nas cartas VII ou XXIV, após um silêncio de meses, e na carta LI, após uma interrupção de dois anos.

<sup>15</sup> No mesmo sentido vai a lúcida análise que o duque de Chaulieu faz da França de 1823: «(...) la Révolution continue, elle est implantée dans la loi, elle est écrite sur le sol, elle est toujours dans les esprits: elle est d’autant plus formidable qu’elle paraît vaincue à ces conseillers du trône qui ne lui voient ni soldats ni trésors.» (carta XII, p. 120).

<sup>16</sup> Tradução literal de “socialité” (Duchet: 1973).

<sup>17</sup> Ressalvando a diferença anteriormente assinalada – cf. n.º 12.

<sup>18</sup> A qual, aliás, já estivera na origem do recolhimento conventual a que tinham sido confinadas.

<sup>19</sup> «Mon père et ma mère ont partagé pour mon compte la pensée de leur voisin dès que le vieillard leur eut annoncé son intention de prendre Renée de Maucombe sans dot, et de lui reconnaître au contrat toute la somme qui doit revenir à la dite Renée dans leurs successions.» (Carta V, p. 112).

Vaurémont, na intenção explícita de lhe permitir casar com um homem da sua escolha, a situação familiar é-lhe exposta pelo pai que, como diplomata que é, após uma extensa análise política e social da França, acaba por lhe pedir que abra mão voluntariamente dessa quantia, a favor do irmão mais novo: «Vous ne devez pas avoir de fortune tant que celle de votre frère cadet ne sera pas assurée, et je veux employer tous vos capitaux à lui constiuer un majorat.» (carta XII, p. 121). Percebendo perfeitamente que a alternativa ao casamento com o pouco sedutor Louis de l'Estorade é o regresso ao convento, Renée opta por aceitar, renunciando de imediato aos românticos sonhos partilhados com Louise nos jardins do convento; esta, por seu lado, perante a resposta afirmativa à pergunta com que ripostara ao pedido do pai – «Mais (...) vous ne me défendez pas de vivre à ma guise et d'être heureuse en vous laissant ma fortune?» –, resolve lutar pelos seus. Ao longo da primeira parte do romance, iremos presenciar os esforços bem sucedidos da romanesca e hábil Louise para fazer um casamento que, sob a aparência de nobre sacrifício feito à sua família, fosse, na realidade, a ligação apaixonada com que sempre tinha sonhado; consegue-o ao desposar Felipe Henarez, o exilado espanhol que ganhava a vida dando aulas da sua língua ao duque de Chaulieu e a ela própria (tendo em vista o cargo de embaixador em Madrid a que o duque aspirava), sob cujo disfarce burguês soube descortinar o barão de Macumer, ex-duque de Soria, ex-grande de Espanha, ex-ministro de um governo liberal e por isso caído em desgraça junto do seu rei, Fernando VII. Ao casar com Felipe – que, tal como o marido de Renée, reconhecerá no contrato ter recebido o dote que, na realidade, servirá para lançar as bases do futuro do seu cunhado<sup>20</sup> –, Louise não só se comporta «en grande, en belle Chaulieu», nas palavras de sua mãe (carta XXVI, p. 140), como também encontra o cavaleiro-andante, o escravo submisso (o “Sarrazin”, o “Abencérage”) que, por amor a ela, se aniquilará e acabará por perder a vida. Enquanto isso, Renée, reflectida e calculista, dirigirá o seu fraco marido com mão de ferro em luva de veludo: orientado por ela e graças à protecção de Louise («Sois tranquille, ma Renée, les Lenoncourt, les Chaulieu, le salon de Madame Macumer travaillent pour Louis.» – carta XLIV, p. 157), ele obterá diversos cargos e honrarias que culminarão com o título de conde e o bem remunerado lugar de “président de chambre à la Cour des comptes”; paralelamente, transformará a simples “bastide” provençal perdida na paisagem seca e poeirenta da Provença em próspera e elegante propriedade no meio de um parque verdejante e comprará uma habitação para passar o Inverno em Paris, no bairro de Louise (que mora em pleno Faubourg Saint-Germain, na Rue du Bac); mas, acima de tudo, Renée encontra a sua realização e felicidade plena na maternidade, na relação apaixonada que tem com os três filhos: «(...) je suis heureuse et plus heureuse que tu ne l'imagineras jamais» (carta XXXI, p. 147).

A primeira parte do romance termina quando Renée acode a consolar Louise depois da sua viuvez, a segunda começa com a já referida carta de 15 de Outubro de 1833, em que Louise comunica a Renée a profunda transformação que operou na sua vida, vendendo todo o património herdado do marido – o “hôtel particulier” da Rue du Bac, a propriedade no Loire, as quintas:

«J'ai mis un million dans le trois pour cent quand il était à cinquante francs, et me suis fait ainsi soixante mille francs de rentes au lieu de trente que j'avais en terres. (...) Maintenant ma fortune est hypothéquée sur le budget. (...) Si la

<sup>20</sup> – Felipe, mon ami, je suis par ma seule volonté votre femme dès cet instant. Allez me demander dans la matinée à mon père. Il veut garder ma fortune; mais vous vous engagerez à me la reconnaître au contrat sans l'avoir reçue, et vous serez sans aucun doute agréé.» (carta XXIV, p. 139).

France fait banqueroute? me diras-tu. (...) la France me retrancherait alors tout au plus la moitié de mon revenu; je serais encore aussi riche que je l'étais avant mon placement; (...) Enfin le comte de l'Estorade n'est-il pas pair de la France semi-républicaine de Juillet? n'est-il pas un des soutiens de la couronne offerte par le *peuple* au roi des Français? puis-je avoir des inquiétudes en ayant pour ami un président de chambre à la Cour des comptes, un grand financier? Ose dire que je suis folle! Je calcule presque aussi bien que ton roi-citoyen.» (carta XLVIII, p. 161).

As razões de toda esta revolução de vida, única revolução realmente inscrita no texto?

«L'amour! (...) je me marie dans un village auprès de Paris, secrètement. J'aime, je suis aimée. J'aime autant qu'une femme qui sait bien ce qu'est l'amour peut aimer. Je suis aimée autant qu'un homme doit aimer la femme par laquelle il est adoré.» (carta XLVIII, p. 161).

151

Foi para abrigar esse amor, com um poeta mais novo do que ela, de nascimento obscuro<sup>21</sup> e cuja riqueza consistia em «trente mille francs de dettes que j'ai payées» que Louise comprou, nos arredores de Paris, uma propriedade que transformou em Éden, onde criou uma existência perfeita, mas onde acabará por deixar entrar a serpente do ciúme que a levará à morte – morte por amor, como Macumer tinha morrido vítima do seu amor por ela.

O que interessa, nesta nova articulação que Balzac estabelece entre o romance e a História, é a repercussão do acontecimento (aqui a revolução de 1830) nos “mœurs”: nos níveis de vida, nos cálculos financeiros, nas relações sócio-hierárquicas. Entre a primeira e a segunda parte do romance, separadas pelo “blanc” de quatro anos, as posições das personagens no grande tabuleiro do jogo social inverteram-se e uma futura protecção política, se vier a ser necessária, deverá exercer-se em sentido inverso, pois é agora Renée que, graças à situação influente do marido, ocupa um lugar entre as “reines de Paris”. Acusando o remoço de Louise, ela irá explicar as suas opções com toda a franqueza:

«En relisant ton avant-dernière lettre, j'ai trouvé quelques mots aigres sur notre situation politique. Tu nous as raillés d'avoir gardé la place de président de chambre à la Cour des comptes, que nous tenions, ainsi que le titre de comte, de Charles X. (...) [De] sages calculs ont déterminé dans notre intérieur l'acceptation du nouvel ordre de choses. Naturellement, la nouvelle dynastie a nommé Louis pair de France et grand-officier de la Légion d'honneur. Du moment où l'Estorade prêtait serment, il ne devait rien faire à demi; dès lors, il a rendu de grands services dans la Chambre. Le voici maintenant arrivé à une situation où il restera tranquillement jusqu'à la fin de ses jours. (...) tous les partis le considèrent comme un homme indispensable.» (Carta LI, p. 166).

Quanto a Louise de Chaulieu, viúva do barão de Macumer, com a inteireza de carácter e a independência de espírito herdadas da sua avó, «cette noble femme qui sera l'une des grandes figures féminines du dix-huitième siècle» (carta I, p. 105),

<sup>21</sup> «Mon ami n'a pas d'autres noms que ceux de Marie Gaston. Il est fils, non pas naturel, mais adultérin (...)» (carta XLVIII, p. 162).

Louise que, na primeira parte do romance, conseguiu conciliar a sua aspiração pessoal a fazer um casamento de amor com o papel de “bonne fille” (na carta XXXII, em que relata a sua vida de casada, comenta: «comme tu le vois, mon père avait raison dans son argumentation. Ce résultat m’a valu l’admiration de beaucoup de personnes, et mon mariage s’explique»), vai agora assumir-se como senhora da sua vida, longe de qualquer influência exterior:

«Pardonne-moi, Renée, de m’être cachée de toi, de tout le monde. Si ta Louise trompe tous les regards, déjoue toutes les curiosités, avoue que ma passion pour mon pauvre Macumer exigeait cette tromperie. L’Estorade et toi, vous m’eussiez assassinée de doutes, étourdie de remontrances. (...) Ce que tu vas nommer ma folie, ma Renée, je l’ai voulu faire à moi seule, à ma tête, à mon cœur, en jeune fille qui trompe ses parents.» (carta XLVIII, p. 162).

Se o tempo disponível o permitisse, uma terceira linha de análise poderia explorar a descrição do **espaço** remodelado pelo movimento da sociedade: particularmente significativo se revela, por exemplo, o confronto dos dois enquadramentos da vida de Louise mais pormenorizadamente descritos: o apartamento do Hôtel de Chaulieu que havia pertencido à sua avó, onde se vem instalar no regresso do convento e onde viverá até ao seu casamento com Macumer, e a propriedade que adquire e constrói para viver com o segundo marido.

Se o casamento constitui “la grande affaire” da vida da mulher no século XIX, assim como o grande tema das *Scènes de la vie privée*, no romance balzaquiano essa vida privada está impregnada de dimensão pública: Louise e Renée não são só a “femme-amante” e a “femme-mère”, elas encarnam os valores e os estilos de duas esferas sociais e de dois períodos da História da França, a França burguesa de pós-1830 e a velha França “Ancien Régime”.

Talvez aí resida a explicação de uma frase de Balzac que causou alguma perplexidade... Na carta que lhe escreveu depois de ter recebido as *Mémoires de deux jeunes mariées*, George Sand agradeceu nos seguintes termos:

«Je suis fière (...) de cette dédicace, car le livre est une des plus belles choses que vous ayez écrites. Je n’arrive pas à vos conclusions, et il me semble au contraire que vous prouvez tout l’opposé de ce que vous voulez prouver. (...)»

J’admire celle qui procréé, mais j’adore celle qui meurt d’amour. Voilà tout ce que vous avez prouvé et c’est *plus* que vous n’avez voulu.»<sup>22</sup>

Ao que Balzac respondeu:

«[...] Soyez tranquille, nous sommes du même avis, j’aimerais mieux être tué par Louise que de vivre longtemps avec Renée.»<sup>23</sup>

<sup>22</sup> Citada por Samuel S. de Sacy na edição que estabeleceu de *Mémoires de deux jeunes mariées* (Paris, Folio classique, n.º 1268, pp. 329-330).

<sup>23</sup> *Ibid.*, p. 321.

**Obras citadas**

BALZAC, H. de

1965-1966, *La Comédie Humaine*, apresentação e notas de Pierre Citron, Paris, Seuil, vol. 7 (Col. l'Intégrale).

DUCHET, C.

1973, «Une écriture de la socialité», in *Poétique*, 16, pp. 446-454.

ROUSSET, J.

1963, *Forme et signification*, Paris, José Corti.